



A Santa Sé

***CARTA DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II
A DOM JAYME HENRIQUE CHEMELLO
POR OCASIÃO DO 50º ANIVERSÁRIO
DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL DO BRASIL***

Ao Venerável Irmão

JAYME HENRIQUE CHEMELLO

Bispo de Pelotas e

Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

A feliz coincidência da próxima celebração do quinquagésimo aniversário da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, justamente no início deste novo milênio, enseja um encontro de reflexão e oração comum, mas, sobretudo, de ação de graças, elevada ao Doador de todos os bens, pela obra realizada pela Igreja e em prol do Povo do Brasil. Ao mesmo tempo, exprime a confiança de que Deus conservará nesta instituição um perene espírito de serviço e uma força evangélica para a promoção da unidade.

Foi-me grato tomar conhecimento do tema central estabelecido para a 40ª Assembléia Geral: «*CNBB, 50 anos: presença histórica, desafios e perspectivas*». Nele perpassa o objetivo de uma serena e fiel renovação e atualização, para um melhor desempenho da vida eclesial nas suas mais distintas áreas de atuação pastoral.

A CNBB é uma organização destinada a permanecer ao longo da história como instrumento de comunhão afetiva e efetiva entre todos os Bispos, e de eficaz colaboração com os Ordinários diocesanos de cada Igreja Particular na tríplice função de ensinar, santificar e governar as ovelhas do próprio rebanho. É certo, porém, que desde 14 de outubro de 1952, a Igreja no Brasil, fiel ao seu glorioso passado, abriu sulcos profundos de continuidade na evangelização, dentro de uma melhor compreensão das exigências do crescimento do Reino de Deus neste mundo.

Continuidade com o passado e abertura aos desafios do futuro, deverão ser como as constantes

da «solicitude por todas as Igrejas» que o Apóstolo Paulo não hesita em fundar em «trabalhos e fadigas», para o bem de todos os nossos irmãos na fé (cf. *2Cor* 11, 27-28).

O Concílio Vaticano II, no decreto *Christus Dominus*, reconheceu nas Conferências dos Bispos, já existentes na época, a oportunidade e a fecundidade de tais organismos, considerando «muito conveniente que, em todo o mundo, os bispos de mesma nação ou região se reúnam periodicamente em assembléia, para que, da comunicação de pareceres e experiências, e da troca de opiniões, resulte uma santa colaboração de esforços para o bem comum das Igrejas» (n. 37). Neste sentido a CNBB pode considerar-se como precursora no tempo e no espaço de muitas iniciativas - certamente não exclusivas - de forte impacto no conjunto da sociedade e em cada uma das suas comunidades. Não poderia, por isso, deixar aqui no olvido sua experiência enriquecedora no que tange não só à própria organização interna, mas à liderança em secundar os anseios dos bispos, para uma mais eficiente evangelização por todo o território nacional. Desta forma, assume uma dimensão particular o influxo da *Campanha da Fraternidade* que, promovida inicialmente a caráter diocesano, estendeu-se num segundo momento, em 1963, por todo o Brasil. Nas minhas sucessivas mensagens anuais, quis sempre demonstrar Meu afeto e carinho por todo o povo brasileiro, a fim de dar um maior impulso à evangelização e estimular um particular movimento de caridade pelas Igrejas mais necessitadas.

Por outro lado, a amplitude, profundidade e rapidez das transformações no mundo em que vivemos e o repercutir-se destas sobre os indivíduos e os grupos humanos, conjuntamente com a facilidade e evidente influência das comunicações, que tornam hoje os homens sempre presentes uns aos outros, obrigam a aplicar-nos, constantemente, para saber discernir os sinais dos tempos. A presença zelosa e vigilante dos Bispos na vida nacional, tal como fermento no meio da massa, serviu de estímulo corajoso para ajudar a percorrer o caminho traçado pelo Concílio Vaticano II, mormente no campo da vida eclesial, da justiça social e da unidade entre os cristãos e de todos os nossos irmãos separados. Sei bem quanto exige a prudência evangélica para descobrir tempos e modos com que Jesus Cristo, «ontem, hoje e sempre» (*Hb* 13,8), faça ouvir a sua voz através dos seus Pastores. Mas «anunciar o Evangelho, não é glória para mim - dizia o Apóstolo das Gentes – é uma obrigação que se me impõe. Ai de mim se eu não evangelizar» (*1Cor* 9,16).

Por isso, reitero aqui que «dado que a doutrina de fé é um bem comum de toda a Igreja e vínculo da sua comunhão, os Bispos, reunidos na Conferência Episcopal, procuram sobretudo acompanhar o magistério da Igreja universal, fazendo-o oportunamente chegar até o povo que lhes está confiado» (Carta ap. *Apostolos suos*, 21). São estes Meus votos de esperança, na continuidade daquele processo iniciado por valentes missionários e evangelizadores, nestes cinco séculos da história da Igreja no Brasil, “terra de Santa Cruz”.

Este País de dimensões continentais requer sempre novos operários para a sua messe e a Conferência Episcopal, ao longo dos anos, tem procurado responder, com solicitude, ao mandato

do Senhor de anunciar o Evangelho, confiante na promessa de que Ele “estará conosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,20). Testemunho o meu apreço pelos esforços envidados no campo vital da pastoral das vocações, da formação do Clero e da promoção do laicato. Neste sentido, recomendo vivamente que transpareça sempre mais na vida eclesial a peculiaridade do sacerdócio ministerial como perene garantia da presença sacramental do Cristo Redentor e a especificidade do estado de vida dos leigos que têm um papel próprio a desempenhar na missão do inteiro povo de Deus, na Igreja e no mundo (cf. *NMI*, 46).

Acrescentaria que este e outros desafios de um episcopado reconhecidamente tão numeroso, exige uma contínua sintonia, certamente já facilitada pelo trabalho comum realizado por essa Conferência Episcopal, mas que deve persistir como modelo de diálogo entre os próprios Bispos: diálogo entre Bispos e presbíteros, entre Pastores e fiéis, entre Igreja no Brasil e Sé Apostólica. Não será este um meio concreto destinado a reforçar aquela espiritualidade da comunhão, que quis propor na recente Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (cf. nº44-45)?

O afeto colegial é certamente o fundamento dos novos Estatutos, que visam delinear mais claramente o caráter episcopal da Conferência assegurando a direção das suas atividades aos Bispos que “*Spiritus Sanctus posuit [...] pascere ecclesiam Dei*” (At 20,28). Deste modo, os Bispos, mediante a recíproca troca de experiências e de pareceres, respondem, na fraternidade episcopal e na comum responsabilidade pastoral, às exigências da nova evangelização.

Na certeza do interesse com que acompanho a solicitude pastoral dos Veneráveis Irmãos no Episcopado desse dileto País, em espírito de sincera união na caridade com que Cristo nos redimiu, confio à proteção de Nossa Senhora Aparecida os membros da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e invoco, na jubilosa celebração do seu quinquagésimo aniversário, as luzes do Espírito Santo, para que guiados por Cristo-caminho, sintonizados em Cristo-verdade e confortados em Cristo-vida, aí façam resplandecer o rosto sem mácula da Igreja, Mãe e Mestra: com a minha Bênção Apostólica, extensiva a todos os fiéis brasileiros!

Vaticano, dia 7 de abril do Ano 2002, vigésimo quarto de Pontificado.

JOANNES PAULUS PP II